

Cerimónias fúnebres de Teresa Horta realizam-se hoje em Lisboa

written by O Cidadão | 5 de Fevereiro, 2025



As cerimónias fúnebres da escritora Maria Teresa Horta, que ontem morreu aos 87 anos, realizam-se **hoje, partir das 18:00, na Basílica da Estrela, em Lisboa**, disse à agência Lusa fonte das **Publicações D. Quixote**.

O velório da autora de “Minha Senhora de Mim” (1971) decorre hoje, entre as 18:00 e as 22:00, na Basílica, onde, na quinta-feira se realiza uma cerimónia, reservada à família e amigos. O **funeral sai às 14:30 para o Cemitério dos Prazeres**, também na capital, segundo a editora de Maria Teresa Horta.

Maria Teresa Horta é última das “**Três Marias**”, a par de Maria Isabel Barreno (1939-2016) e Maria Velho da Costa (1938-2020), autoras das “**Novas Cartas Portuguesas**” (1972).

Maria Teresa Horta foi amplamente premiada ao longo da sua

carreira literária. Entre outros **galardões**, recebeu o **Prémio de Consagração de Carreira da Sociedade Portuguesa de Autores**, em 2014, o **Prémio Autores 2017**, na categoria **Melhor Livro de Poesia**, para “Anunciações”, a **Medalha de Mérito Cultural**, do **Ministério da Cultura**, em 2020, e o **Prémio Literário Casino da Póvoa**, em 2021 pela obra “Estranhezas”, entre outros.



Foto de ESTELA SILVA/Lusa – direitos reservados

O Estado português condecorou-a em 2022, com o grau de **Grande-Oficial da Ordem da Liberdade**.

Entre as instituições que hoje recordaram a escritora e jornalista estão o **Museu do Aljube**, que em 2021 teve patente a exposição “Mulheres e Resistência – ‘Novas Cartas Portuguesas’”, por altura dos 50 anos de publicação da obra, na qual homenageou as “Três Marias”: Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, além de Maria Teresa Horta.

O museu lisboeta lembra a “figura brilhante da cultura portuguesa”, que deixa “um legado imenso de coragem e luta pela igualdade”.

O **Cinema São Jorge**, em Lisboa, recorda uma outra faceta de Maria Teresa Horta, a de “cinéfila militante”. “Nos anos 50 tornou-se a primeira mulher diretora de um cineclube, o ABC, cujo primeiro ciclo foi totalmente censurado pelo Secretariado Nacional de Informação”, partilhou.

A **UMAR** – União de Mulheres Alternativa e Resposta considera que “os feminismos estão de luto” com a morte de Maria Teresa Horta, a quem agradece muito “por tudo”.

Em dezembro de 2024, Maria Teresa Horta foi incluída numa

lista elaborada pela estação pública britânica BBC de 100 mulheres mais influentes e inspiradoras de todo o mundo, que incluía artistas, ativistas, advogadas ou cientistas.

MORREU A ÚLTIMA DAS “TRÊS MARIAS”

“Uma perda de dimensões incalculáveis para a literatura portuguesa, para a poesia, o jornalismo e o feminismo, a quem Maria Teresa Horta dedicou, orgulhosamente, grande parte da sua vida”, pode lê-se no comunicado enviado pela editora à Lusa.

No mesmo texto, a Dom Quixote lamenta **“o desaparecimento de uma das personalidades mais notáveis e admiráveis”** da literatura portuguesa, **“reconhecida defensora dos direitos das mulheres e da liberdade, numa altura em que nem sempre era fácil assumi-lo, autora de uma obra que ficará para sempre na memória de várias gerações de leitores”**.

Em dezembro, Maria Teresa Horta foi incluída numa lista elaborada pela estação pública britânica BBC de 100 mulheres mais influentes e inspiradoras de todo o mundo, que incluía artistas, ativistas, advogadas ou cientistas.

Em 2022, nos 50 anos da obra **“Novas Cartas Portuguesas”**, escrita com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, Maria Teresa Horta afirmava, em entrevista à Lusa, que o livro sempre foi desconsiderado em Portugal e confessava-se “perplexa” com o interesse suscitado cinco décadas depois da publicação.

“Novas Cartas Portuguesas”, escrita por Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, a partir das cartas de amor dirigidas a um oficial francês por Mariana Alcoforado, constituiu-se como um libelo contra a ideologia vigente no período pré-25 de Abril, que denunciava a guerra colonial, as opressões a que as mulheres eram sujeitas, um sistema judicial persecutório, a emigração e a violência fascista.

Começou a ser escrita em maio de 1971 e foi publicada em abril de 1972, tendo sido banida pela ditadura e as suas autoras levadas a julgamento.

O livro que se assumiu como um marco na história do feminismo, da literatura portuguesa, da oposição ao regime e da luta pela liberdade, após passar o período conturbado que envolveu a sua publicação, atravessou décadas quase como uma inexistência em Portugal, considerava, então, Maria Teresa Horta, em declarações à Lusa, acrescentando não compreender esta situação.

“Ninguém ligou nenhuma às ‘Novas Cartas Portuguesas’ em Portugal, agora, de repente, enlouquece tudo”, disse à Lusa, acrescentando: ***“Foram escritas há tantos anos. Depois esgotou, mas ninguém fez nada, e de repente, de súbito, de cinco em cinco minutos falam das ‘Novas Cartas’, a pessoa fica perplexa”***.

Até ao fim, as três recusaram-se a revelar e ninguém conhece individualmente a autoria de cada texto, como salientou à Lusa Maria Teresa Horta, que contestava uma ideia algo difundida de que a maioria seria obra de Maria Velho da Costa.

“Foram escritas pelas três. Ninguém vai dizer [quem escreveu cada texto]. Elas já estão mortas e eu nem morta nem viva digo quem escreveu, porque nós fizemos uma jura”, afirmou, em 2022.

Nascida em Lisboa em 1937, Maria Teresa Horta frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi dirigente do ABC Cine-Clube, militante ativa nos movimentos de emancipação feminina, jornalista do jornal A Capital e dirigente da revista Mulheres.

Como escritora, estreou-se no campo da poesia em 1960, mas construiu um percurso literário composto também por romances e contos.

Com **livros editados no Brasil, em França e Itália**, Maria Teresa Horta foi a primeira mulher a exercer funções dirigentes no cineclubismo em Portugal e é considerada um dos expoentes do feminismo da lusofonia.

Foi amplamente premiada ao longo da sua carreira literária, destacando-se, só nos últimos anos, o **Prémio Autores 2017, na categoria melhor livro de poesia, para “Anúncios”, a Medalha de Mérito Cultural com que o Ministério da Cultura a distinguiu em 2020, o Prémio Literário Casino da Póvoa que**

ganhou em 2021 pela obra “Estranhezas”, e a condecoração, em 2022, com o grau de Grande-Oficial da Ordem da Liberdade, pelo Presidente da República.

LUSA/OC/MP

Fotos: Miguel A. Lopes e Estela Silva | Lusa – direitos reservados